



Vol. I nº 1 jan./jun. 2006

p. 239-243

## O NEOLIBERALISMO E A CRISE NOS MOVIMENTOS SOCIAIS<sup>1</sup>

*Tiago Limanski<sup>2</sup>*

*Orientador: Roberto Antônio Deitos<sup>3</sup>*

No contexto atual vivenciamos um movimento contraditório no meio social, acentuado na busca de justificação teórica para práxis neoliberal, articulado principalmente nos campos político e econômico, com a formulação de novas concepções e idéias pautadas, sobretudo em explicações filosóficas, políticas, econômicas e sociais, ao processo da chamada globalização.

Imbricada neste contexto, a desarticulada massa operária encontra-se diluída em vários novos movimentos, que se delimitam em seu campo de atuação a defesa institucional de um comum propósito simbólico aos interesses demandados em suas categorias sociais de luta.

Essa situação concreta de desmonte da consciência de classe no campo da luta social remete ao ideário de recomposição histórica das forças liberais no sentido de se forjar uma nova e falsa identidade de massa, articulada em um patamar de “aceitáveis concessões” promovidas pela sociedade capitalista contemporânea.

Esses novos entendimentos não somente adulteram a gênese que permeia a articulação da classe expropriada, como também seu produto final, ou seja, as perspectivas quanto ao processo de mudança na estrutura social, o que explicita inegavelmente contradições que surgem historicamente e se perfazem em situação contrária aos objetivos das mobilizações populares, que por via de reforma conciliam os interesses opostos em um processo impar de inserção a estrutura social.

Para tanto, para se fazer frente ao ideário pós-moderno, as práticas sociais devem resgatar os encaminhamento doutrora, rearticulando as divergentes frações demandas sob o comum propósito de enfrentamento das relações hegemônicas consolidadas com o advento do movimento neoliberal. Que preconiza no intermédio de seus teóricos, a inevitável consolidação da estrutura que compõe o quadro social na atualidade, quanto a isso (FUKUYAMA 1992)<sup>4</sup> afirma: “O neoliberalismo proclamou-se o fim da história, e o conhecimento de uma nova era”.

Contudo, a de se atentar, que está equivocada validação social a afirmação teórica de que a história acabou, está intrinsecamente associada a um estado de sujeição das massas, caracterizada nos dispêndios contemporâneos da sociedade capitalista em posicionar forças humanas e materiais nas regiões geográfica-

mente caracterizadas por tensões, isto é, ameaças ao modelo democrático liberal e ao sistema econômico capitalista.

O uso destes meios coercitivos é historicamente um instrumento articulador que admite se necessário a destruição das forças humanas, estruturais e produtivas, *em função* de necessidades capitalistas, estruturou no processo de composição da história contemporânea uma realidade social antagônica que, por si só, produziu o “abismo social” entre as classes, individualizando os acessos aos benefícios da revolução tecno-científica.

Essa limitação na aquisição social dos frutos da tecnologia originou no seio do movimento de massa eixos de disputas que passam a reivindicar por interesses, cada vez mais singulares e adversos, as reivindicações demandadas na totalidade da classe subjugada pela ação do capital. O que originou a recente fragmentação da classe em categorias sociais de luta, os denominados novos movimentos que se restringem a reivindicações setoriais fechadas em si mesma, não objetivam assegurar os acessos homogêneos na estrutura social.

A solidariedade caracterizada na atual modalidade do capitalismo, originária no terceiro setor frente a necessidade de atendimento as demandas reclamadas nas categorias sociais que, por si só, não objetiva transformar a sociedade, seu objetivo é implícito no norte reformador, e portanto, compete somente a classe expropriada repensar as suas formas de abordagem de massa, delimitando um movimento homogêneo no sentido de reclamar por mudanças.

Quanto a atual modalidade do capitalismo no modelo neoliberal, (SANTOS 1996, pág. 163) afirma “Agora se mundializa: a produção, o produto, o dinheiro, o crédito, o consumo, a política e a cultura”<sup>5</sup>. Inovações sociais que flexibilizam as relações de consumo e explicitam a necessidade de se expandir a economia capitalista, base para acumulação, nas áreas da informática, microeletrônica, comunicação e transportes, incrementando o comércio, a circulação dos capitais, ou seja, novos padrões do trabalho e da produção a serem assumidos.

Neste contexto, em que se internacionalizam as relações sociais, é fato consumado que os avanços produzidos nas formas estruturais de comunicação podem unir os ideários de luta, como maior agilidade que em outrora, fortalecendo e internacionalizando os movimentos de massa operária.

As realidades geradas nos novos movimentos caracterizam em si pela negação da perspectiva de transformação social por via de ruptura, para tanto é necessário considerar as afirmações do professor e sociólogo FLORESTAN FERNANDES<sup>6</sup> que na década de setenta materializava no campo universitário sua trincheira de luta, defensor do movimento de massa, revelava que a libertação da

massa seria produto da ação desta própria massa, objeto alcançado somente a partir da autoconsciência de classe, produzida socialmente.

Para Florestan se fazia necessário em seu contexto, tanto quanto agora se faz em nossa época, “Uma ação coletiva e simultânea dos indivíduos, tanto em nível de categorias, quanto em nível de classe social”. Defensor dos velhos movimentos criticou abertamente as deficiências político-ideológicas de consciência nos novos movimentos, a exemplo dos movimentos feminista, ecológico e negro; Materializados com base em reivindicações individualizadas a especificidade da categoria que reclama, e não na totalidade da classe expropriada da qual também são emergidos.

As novas formas de movimentos caracterizam-se em um novo modelo de homem, ascendente das transformações tecnológicas, que destitui as perspectivas de massa e caráter formal das relações humanas que norteavam seu antecessor. Quanto a isso (GOHN, 1995)<sup>7</sup> assevera “Os novos movimentos sociais se contrapõe aos velhos e historicamente tradicionais movimentos sociais em suas práticas e objetivos”.

Um subproduto do embate ideológico no campo social das relações humanas, que esclerosou que a consciência da massa é, sobretudo, o resultado de um processo massificador de formação ideológica, que no primeiro momento é assimilada na família, e depois amplamente reforçada na escola, e por relações suplantados por “inúmeros” veículos que reforçam o estereótipo de obediência.

Partindo da afirmação anterior pode-se caracterizar que o ato de neutralidade é também opção política, e que nenhuma das instituições sociais é neutra, o que no campo educacional dimensiona que escola é dualista sim e serve aos interesses que melhor convier ao momento, não é comprometida com o movimento de massa, nasce no seio da burguesia, (PONCE, 1996, pág. 169)<sup>8</sup> afirma “A classe que domina materialmente é também a que domina com sua moral, com sua educação e com as suas idéias”.

No conceito produzido a partir dos pressupostos marxistas, a educação é um instrumento que vai no estado proletariado materializar a conscientização das massas e romper com a ideologia dominante, e se colocar a serviço da operária. Para entender que procedimentos transformam o ensino burguês em proletariado, devemos atentar para o que (PONCE, 1996, pág. 169)<sup>9</sup> assevera “Nenhuma mudança pedagógica fundamental pode impor-se antes do triunfo da classe revolucionária que a reclama”.

Contudo, é importante reiterar que as duas considerações obtidas nos parágrafos anteriores, desmistificam a leitura ingênua de escola transformadora do meio social, ou seja, não é na escola, mas em direção a escola, que a ruptura social deve-se constituir.

Para tanto a necessidade de se ter uma consciência de classe, isto é, de massa no sentido de se assumir o processo de transformação social, que inevitavel-

mente passa pela reestruturação dos movimentos sociais e posteriormente pela reestruturação da escola. Esse determinismo que deve ser assumido por sociólogos e educadores ligados intrinsecamente a classe trabalhadora, tende a assemelhar a afirmação de LÊNIN, citada por (PONCE, 1996, pág. 172) “Há quem nos acuse pelo fato de transformarmos a nossa escola em escola de classe, mas, a escola sempre foi uma escola de classe. O nosso ensino defenderá por isso, exclusivamente, os interesses da classe laboriosa”.

Para tanto, deve-se levantar a seguinte questão: vivemos um momento em que se atenuam as contradições impostas política, ideológica e economicamente pelo chamado neoliberalismo, na medida em que a história não acabou e que o neoliberalismo não venceu, refutam-se as afirmações oportunistas, como afirma (ANDERSON, 1992), tendo como exemplo as que proclamam “O fim das ideologias: e o envelhecimento do marxismo”.

Nossa atualidade caracteriza um momento de relações hegemônicas determinadas ideológica e economicamente pelo capital, que de certo modo desarticularam os movimentos sociais, contudo nada pode estar determinado “*como fim da história*” e o campo da história e também o espaço para disputa social e política podem afloraram novas e mais graves contradições sociais.

#### REFERÊNCIAS:

ANDERSON, Perry. **O fim da história** (De Hegel a Fukuyama). Trad. De Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique da. **Partidos políticos e educação: a extrema esquerda brasileira e a concepção de partido como agente educativo**. Cascavel: Edunioeste, 2000.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo, Difel, 1972.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. RJ. Rocco, 1992.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

\_\_\_\_\_. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Cortez, 1982.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**, trad. José Severo de Campo Pereira. 15ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo (globalização e meio-técnico científico Informal)**. São Paulo: Hesitec, 1996.

NOTAS

- 1 Texto revisto e ampliado apresentado originalmente nos anais da XXVII Semana de Educação nesta instituição de ensino, com o título de "*As perspectivas da classe operária para além do chamado pós-modernismo*", em co-autoria com os acadêmicos..., sob a orientação do prof. Dr. Gilmar Henrique da Conceição, em 2004.
- 2 Acadêmico da 3ª série noturna do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Campus Universitário de Cascavel.
- 3 Orientador, Doutor em educação, professor do Curso de Pedagogia da Unioeste, Campus Universitário de Cascavel.
- 4 FUKUYAMA, Francis. O fim da história e o último homem. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. RJ. Rocco, 1992.
- 5 SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo (globalização e meio-técnico científico Informal). São Paulo: Hesitec, 1996.
- 6 FERNANDES, Florestan. O negro no mundo dos brancos. São Paulo, Difel, 1972.
- 7 GOHN, Maria da Glória. Teorias dos movimentos sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.
- 8 PONCE, Aníbal. Educação e luta de classes, trad. José Severo de Campo Pereira. 15ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- 9 PONCE, Aníbal. Educação e luta de classes, trad. José Severo de Campo Pereira. 15ª ed. São Paulo: Cortez, 1996